

OLHARES EM DESCONSTRUÇÃO: MEU ENCONTRO COM A CRÍTICA CULTURAL E A PESQUISADORA ENCARNADA

Maéve Melo dos Santos¹

Resumo: Trata de um breve ensaio sobre o meu encontro com a pesquisadora encarnada (MESSEDER, 2020) e os estudos da Crítica Cultural, tendo como *objetivo* apresentar, em linhas gerais, o desenvolvimento da pesquisa e produção de conhecimento da Profa. Dra. Suely Aldir Messeder, bem como, apresentar um breve histórico do meu encontro e escolha do atual projeto de pesquisa para o doutorado, descrevendo as estratégias de sua inserção no programa de Crítica Cultural, situado no campo linguístico-literário. *Metodologia:* adotou-se a perspectiva da pesquisa biográfica (DELORY-MOMBERGER, 2008) enquanto proposta metodológica, tendo em vista que envolve a apropriação da nossa vida, em um determinado espaço-tempo, por meio da narração. *Conclusões:* as percepções iniciais sinalizam que os estudos da crítica cultura com seus rizomas, espirais, liberdade, fluidez, heterogeneidade, alianças, conexões, narrativas, entremeios, que não se deixam arborizar, têm repercutido um desmonte do meu projeto de pesquisa, enunciando tópicos a serem revistos, reexaminados, desconstruídos, produzindo um novo mapa da alfabetização, que possa ser construído, desmontado, modificado, sob o viés e o olhar dos atores sociais das escolas alfabetizadoras, dos sujeitos e das sujeitas envolvidos. Apontam, ainda, o compromisso com o desenvolvimento da pesquisa científica e essa escrita encarnada, com a geopolítica do conhecimento, sobretudo com a valorização da escrita e dos saberes subalternizados dos saberes locais e da identificação da corporeidade presente com seus marcadores sociais. *Palavras-Chave:* Pesquisadora encarnada. Estudos da Crítica Cultural. Pesquisa biográfica. Projeto de Pesquisa.

¹ Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Crítica Cultural, Universidade do Estado da Bahia (Pós-Crítica/UNEB), linha de pesquisa Letramento, Identidades e Formação de Educadores. Professora da Universidade Federal do Vale do São Francisco (Univasf). Orientador: Prof. Dr. Cosme Batista dos Santos. Endereço eletrônico: maevesantos@gmail.com.

INTRODUÇÃO

A Sociedade do Cansaço² ou a sociedade do desempenho, tão bem retratada por Byung-Chul Han, foi pega de surpresa com uma nova onda de doença viral. Para o autor do livro, que foi produzido em 2015, cada época tem suas enfermidades e o período bacteriológico teria sido encerrado quando da descoberta do antibiótico e da técnica imunológica, portanto, Han não acreditava que neste século XXI o mundo fosse ser paralisado por mais uma pandemia imunológica. No entanto, a pandemia do *coronavirus*, conhecida como Covid-19, apanhou todos de sobressalto com um festival de incertezas³.

Se Han não acreditava que fôssemos viver neste século uma nova pandemia imunológica podemos afirmar, com toda certeza, que o ano de 2020 marcou para sempre a humanidade. Vivemos, num só momento, os dois tipos de enfermidades: a imunológica e a neuronal. A cada segundo, minuto do dia estávamos (e ainda estamos) preocupados com as questões sanitárias e todas as precauções necessárias para evitar sermos contaminados pela Covid-19, o que causou (e ainda tem causado) a muitos sentimentos de ansiedade, medo, isolamento, angústia, desespero, tristeza. Como se não bastasse, fomos cobrados interna e externamente a continuar produzindo diante da pandemia. A economia não pode parar. O Brasil não pode parar. A educação não pode parar.

Não é mais uma cobrança externa da sociedade disciplina (enunciada por Foucault), “você pode, você consegue” é uma cobrança interna “eu posso” (HAN, 2015, p. 22-23). A sociedade de desempenho estimula a liberdade coercitiva, no qual o sujeito

² HAN, Byung-Chul. Sociedade do cansaço. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.

³ MORIN, Edgar. Um festival de incertezas. Instituto Humanitas (IHU) da Unisinos, publicado em 09 de junho de 2020, disponível em: <http://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/599773-um-festival-de-incerteza-artigo-de-edgar-morin>.

tem a impressão de ser livre, porém a cobrança interna por maior produtividade ocasiona a livre coerção de maximizar seu desempenho. A pessoa é ao mesmo tempo o explorador e o explorado, agressor e vítima, “Os adoecimentos psíquicos da sociedade de desempenho são precisamente as manifestações patológicas dessa liberdade paradoxal” (HAN, 2015, p. 25).

A autocobrança imposta pela superprodução, pelo *desempenho remotamente* tem ocasionado sentimentos e doenças neuronais que já estão sendo objeto de investigação de muitos pesquisadores em nível nacional e internacional. A cada dia recebemos demandas virtuais de questionários de pesquisas sobre diversos temas relacionados a pandemia, dentre eles, estudos psicológicos sobre nosso estado mental durante o isolamento social e trabalho remoto.

Como se não bastasse, no Brasil, diferente de outros países, além das mazelas da pandemia com suas doenças, variantes e mutações que assolou nossos lares e espaços sociais com a penumbra da morte, fomos marcados historicamente por outra grande mazela, decorrente de uma política nacional negacionista, que tem uma narrativa neoliberal e necropolítica⁴, cheio das incongruências de um (des)governo com suas crueldades, perversidades, racismos e preconceitos e desprezo pelas minorias, cuja cegueira insana foi assolando boa parte da população, sem explicação aparente.

Mas nem tudo foi trevas. Se por um lado, a morte nos assombrou com sua bandeira verde e amarela e com sua pandemia, levando tantos entes queridos e queridas, por outro, a vida se fez presente em tantas histórias de superação, de sobrevivência, de vivências, em tantas narrativas de

⁴ MBEMBE, Achille. *Necropolítica*. São Paulo: N-1 Edições, 2018. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/ae/article/view/8993/7169>. Acesso em: 23 fev. 2020.

escrevivências⁵. Tivemos de nos reinventar. Muitas escolas e universidades vivenciaram o desafio de ensinar e aprender, remotamente. Ampliamos nossos horizontes e olhares e percebemos novas formas de aprendizagens, de forma que, fosse possível pelo menos manter os vínculos afetivos com estudantes, com a equipe técnica e de apoio, com os pais e familiares. Foi necessário todo um esforço para que pudéssemos responder ao seguinte questionamento: De que forma é possível o estudante aprender, em casa, durante a pandemia?

Não obstante, as escolas, as universidades, os centros educacionais não se planejaram. Ninguém se planejou para dar aula, de forma remota. Nós, professores, não fomos preparados para isso, a gente se formou para dar aula presencial. Até porque não é Educação a Distância (Ead), pois esse tipo é uma modalidade de ensino específica, previsto na Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB), para um público específico e tem suas estratégias de ensino diferenciadas, exigindo também, uma formação singular. Portanto, nós não estamos vivenciando a educação Ead, estamos vivenciando um tipo de educação que está sendo intitulada de “ensino remoto” e não fomos preparados para tal. Mas, estamos aprendendo.

Foi nesse viés que o Programa de Pós-Graduação em Crítica Cultural (Pós-Crítica), da Universidade do Estado da Bahia (UNEB), *Campus II*, Alagoinhas (BA), logo no início da pandemia em 2020, iniciou uma série de atividades remotas, *lives*, seminários, minicursos, rodas de conversas, tendo esse olhar cuidadoso na manutenção dos vínculos com os estudantes, professores e professoras. Uma das atividades propostas foi Seminários de Pesquisa em Crítica Cultural: Teorias e Métodos, uma série de quinze (15) seminários *online*, com pesquisadores(as) credenciados(as) ao programa. A intenção desses seminários era

⁵ Termo alcunhado pela escritora Conceição Evaristo, 2020.

possibilitar acesso ao processo de desenvolvimento da pesquisa e produção do conhecimento dos pesquisadores e pesquisadoras convidados(as), de forma que fizesse sentido aos interlocutores e pudesse contribuir nos movimentos de idas e vindas dos mestrandos e doutorandos na revisão dos seus respectivos projetos de pesquisa, em andamento.

Posso afirmar, sem medo de errar, que para mim foi uma riqueza. A cada seminário, novas aprendizagens, novos olhares se constituindo, se desconstruindo e se construindo. Alguns marcaram mais, outros menos, de acordo com o objeto de pesquisa de cada estudante. O objetivo desse texto é, em primeiro lugar, apresentar, em linhas gerais, o conteúdo da pesquisadora por mim escolhida, considerando o desenvolvimento da sua pesquisa e produção de conhecimento, e, em segundo, historicizar o meu encontro com a pesquisadora encarnada e a revisitação do meu projeto de pesquisa para o doutorado, descrevendo as estratégias de sua inserção no programa de Crítica Cultural, situado no campo linguístico-literário. Para tanto, fiz a opção metodológica da pesquisa biográfica que envolve a apropriação da nossa vida, em um determinado espaço-tempo, por meio da narração. Para Delory-Momberger “o único meio de termos acesso a nossa vida é percebermos o que vivemos por intermédio da escrita de uma história (ou de uma multiplicidade de histórias): de certo modo, só vivemos nossa vida escrevendo-a na linguagem das histórias” (DELORY-MOMBERGER, 2008, p. 36). Este ensaio está organizado em duas seções, retratando dois encontros que tive: o primeiro com a pesquisadora encarnada e o segundo com os estudos da Crítica Cultural.

O ENCONTRO COM O PESQUISADOR E A PESQUISADORA ENCARNADA: UM OLHAR INSUBMISSO

Fiquei em dúvida em qual pesquisador ou pesquisadora escolher, pois me identifiquei com muitos, dentre eles e elas, o Profº. Dr. Wander Melo Miranda, da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) que apresentou o desenvolvimento de sua pesquisa em Literatura Comparada. Foram dois encontros maravilhosos que me auxiliaram a ver o meu projeto de pesquisa em alfabetização pelo viés da literatura, indicando alguns possíveis encontros como a leitura de dois livros: *Infância*, de Graciliano Ramos e *Infância e História*, de Giorgio Agambem. Além, disso, possibilitou dialogar com o perspectivismo e multinaturalismo do pensamento ameríndio estudado por Viveiros de Castro (2004), um chamamento à reflexão, à desocultação do paradigma colonizador etnocêntrico, eurocêntrico, predominante na nossa sociedade contemporânea, que se coloca acima de todas as criaturas do mundo, fruto do conhecimento arborescente e suas bifurcações binômicas: natureza/cultura; particular/universal; homem/animal; sujeito/objeto, dentre outros. Para Viveiros de Castro (2004, p. 234) “Os selvagens não são mais etnocêntricos, mas cosmocêntricos”, ao invés de provar que não são animais, são humanos, lutam agora para provar “quão pouco humanos somos nós, que opomos humanos e não-humanos de um modo que eles nunca fizeram: para eles, natureza e cultura são parte de um mesmo campo sociocósmico”. Esse encontro possibilitou-me olhar em outras direções, rumo a nossa ancestralidade, a narrativa dos corpos em movimentos, ao nosso lugar de fala, do crítico cultural do intelectual brasileiro — um entrelugar, entre o antropólogo e o historiador, entre o local e o global.

Para Wander Melo o fato de termos sido colonizados, nos obrigou a adquirir certas estratégias e uma delas foi estar entre o entrelugar e falar contra, escrever contra. Nesse sentido, afirma

que o pensamento cultural é sempre um pensamento de guerrilha, nunca tem de pensar num local fixo, deve ter sempre a mobilidade. Saber que não dominamos nenhuma das outras disciplinas, mas podemos transitar entre elas⁶. Isso é bem barthesiano, quando trata da língua e do trapacear com a língua, da teatralidade da língua. É isso, me deteria na descrição de outras aprendizagens com Wander Melo, mas não teria espaço nesse artigo, ele em si já daria um único artigo, só dele.

Mas, fiz a escolha por uma mulher, insurgente por natureza, com um pensamento arbitrário, decolonizador e provocador. Escolhi, por encantamento, a Profa. Dra. Suely Aldir Messeder e buscarei, nas próximas linhas, descrever um pouco do que bebi, em um dos seminários, sobre o processo do desenvolvimento da sua pesquisa acadêmica e produção de conhecimento. Professora da UNEB, Suely Messeder foi coordenadora do Doutorado Multi-institucional e Multidisciplinar em Difusão do Conhecimento (DMMDC/*Campus* de Camaçari) e professora permanente do Programa de Pós-Graduação Mestrado em Crítica Cultural, *Campus* II, Alagoinhas. Além disso, foi coordenadora do Grupo de Pesquisa Enlace e primeira secretária da Associação Brasileira de Estudos de Homocultura (ABEH). Profa. Dra. Suely Aldir Messeder pareceu ser uma pesquisadora instigante que se rebela contra as padronizações existentes na pesquisa científica tradicional, porém, sem necessariamente negar o rigor que esta necessita. Foi o meu encontro com o *pesquisador e pesquisadora encarnada* e primeira vez que escuto esse termo dentro da literatura científica. Fiquei curiosa por essa narrativa e impelida a compreender um pouco mais.

⁶ MIRANDA, Wander Melo (2020). Registro de fala oral nos “Seminários de Pesquisa em Crítica Cultural I e II: Teorias e Métodos”, ocorrida nos dias 16 e 23 de julho de 2020, promovido pelo Programa de Pós-Graduação em Crítica Cultural do Departamento de Linguística, Literatura e Artes da UNEB, *Campus* II, Alagoinhas-BA. Disponível em: https://drive.google.com/file/d/1QwXDwul45j2fXs6yl_jCFUcNT1qPLL95/view?usp=sharing.

O seminário ocorreu no dia 27 de agosto, de forma *online* e ela iniciou solicitando um minuto de silêncio pelos enlutados que parece estar caindo na banalização. A pandemia veio realçar o embate entre a religião e a ciência e desvelar o que parecia estar oculto, pois acreditávamos que já tínhamos superado essa velha discussão. Por incrível que pareça, em pleno século XXI, temos no Brasil uma parcela da população que descumpra as medidas sanitárias, desconfia das vacinas, desvaloriza a pesquisa, a ciência e as universidades, e o pior, sob a liderança do Presidente da República.

Esse foi o ponto de partida e fio condutor do diálogo que tivemos com a Profa. Dra. Suely Messeder: a disputa entre a religião e a ciência. Para Messeder, elas coexistem, todas as narrativas coexistem, elas não deixaram de existir porque uma outra chegou. E cita um exemplo de um evento que ocorreu em Salvador: quando saiu o decreto do prefeito dispondo que poderia abrir o comércio, o grupo do candomblé afirmou que não iriam abrir. Enquanto as outras religiões estavam aflitas em desenvolver seus cultos, a narrativa do candomblé afirmava ser compatível com a ciência e que os orixás pediam que não retornassem, que devíamos manter o distanciamento. Interessante esse posicionamento para o grupo das subalternidades⁷.

Suely vai descrevendo como se tornou pesquisadora, numa teia de relações e conexões até a construção do pensamento do *pesquisador e pesquisadora encarnada*. Afirma que o pesquisador e a pesquisadora encarnada não está pronto, é um devir, vai se construindo nas suas relações, alianças e conexões com outras narrativas, as narrativas dos subalternizados e subalternizadas.

⁷ MESSEDER, Suely Aldir. Registro de fala oral nos “Seminários de Pesquisa em Crítica Cultural VII: Teorias e Métodos”, ocorrida no dia 27 de agosto de 2020, promovido pelo Programa de Pós-Graduação em Crítica Cultural do Departamento de Linguística, Literatura e Artes da UNEB, *Campus II*, Alagoinhas-BA. Disponível em: https://drive.google.com/file/d/1gadSrs32Mi4ZHJ-U7xJ_mMqBxORIj5rn/view?usp=sharing.

Faz questão de reforçar na sua fala, os marcadores de gênero (pesquisador e pesquisadora) o que ela chama de “*tecnologia de gênero*” para mostrar que está presente e que não está pensando no universal.

Graduada em Ciências Sociais, com mestrado, também, na mesma área e doutorado em Antropologia, percebe-se ao longo do seu discurso as bases teóricas que sustentaram e sustentam o seu fazer-ciência. Quando questionada sobre como surgiu o conceito de encarnado, o porquê dessa denominação e qual o real conceito de pesquisador e pesquisadora encarnada, a resposta veio de pronto. Com muita tranquilidade foi pontuando que não gosta de definições, pois apresentam-se sempre como questões definitivas, por isso em nenhum momento no seu discurso, ela fala do conceito ou do que seja esse *pesquisador e pesquisadora encarnada*, ele(a) vai se constituindo, se construindo aos poucos, num devir.

Resumidamente, eu poderia dizer, a partir do que aprendi e apreendi neste seminário, que Suely Messeder aponta alguns mitos de origem do pesquisador e pesquisadora encarnada: 1) sua formação na graduação em Ciências Sociais, quando atuava como bolsista de iniciação científica, foi basilar na compreensão do pensamento feminista com Donna Haraway e na trajetória do candomblé; 2) o estruturalismo de Levi Strauss, em especial os textos “A eficácia simbólica” e “O feiticeiro e sua magia”⁸, no entanto, como o estruturalismo via a doença como uma coisa, precisava se adentrar na fenomenologia; 3) a perspectiva fenomenológica de Michel Foucault; 4) a perspectiva decolonial deve a Mãe Stella de Oxóssi, uma autora de referência na Bahia, com ela aprendeu o valor da conexão e compromisso; 5) com

⁸ MESSEDER, Suely Aldir. A pesquisadora encarnada: uma trajetória decolonial na construção do saber científico blasfêmico. In: VAREJÃO, Adriana (*et al.*). Pensamento feminista hoje: perspectivas decoloniais /Org. Heloisa Buarque de Hollanda. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2020.

Simone de Beauvoir apreendeu a tríade: a perspectiva estruturalista, a perspectiva freudiana e a perspectiva marxista, tudo isso, a partir de uma leitura fenomenológica. Surge o *pesquisador e pesquisadora encarnada* dessa alquimia.

Sobre o termo *encarnado*, Suely recorda-se de um evento que presenciou em casa, quando sua mãe estava assistindo a missa na televisão e o padre disse: “*porque encarnar é a vida*”, daí veio a origem dela pensar a pesquisa científica enquanto o *encarne na vida*, de pensar um pesquisador(a) que tenha essa humanidade, que pensa da não-humanidade, na vida frágil de seres vulneráveis. Uma ciência encarnada não vê a concorrência entre as narrativas científicas e religiosas, mas uma ciência feita por nós, por vários caminhos, o caminho da vida, do *viver bem* e não do *bem-viver*. Nesse ponto a pesquisadora difere esses dois conceitos, afirmando que diferente do bem-viver, o viver bem é uma perspectiva de pessoas que passam fome, e uma primeira proposta a ser feita é de alimentar as pessoas, fazer com que sejam saudáveis no sentido de ser alimentadas.

A pesquisa de campo que desenvolvia nessa época tinha como objeto de estudo a loucura e trabalhava com a doença no candomblé, no espiritismo e na igreja pentecostal buscando a(s) resposta(s) para o questionamento: *como as mulheres eram consideradas nervosas no candomblé, espiritismo e pentecostal?* Ela recorda que mesmo tendo uma base teórica, essa teoria não encarnava nela porque quando se defrontava com as interlocutoras, as sujeitas⁹ da pesquisa, que eram afetadas, e ao mesmo tempo, afetavam a pesquisadora com seus choros, nessa relação. Para Suely, um outro mito de origem foi um diálogo que teve com uma senhora durante a pesquisa, que diz:

⁹ Termo utilizado propositalmente pela autora, numa transgressão a linguagem por não haver o termo sujeito no feminino.

— Você fica conversando sobre isso, querendo saber mais, mas vou te contar algo e escuta bem: o juízo é um dedal, você está aí, mas poderá vir pra cá! (MESSEDER, 2020, informação verbal)¹⁰.

Suely utiliza esse diálogo para iniciar seu texto do “*A pesquisadora encarnada: uma trajetória decolonial na construção do saber científico blasfêmico*” (2020), para demarcar a forte conexão entre pesquisador(a) e o sujeito(a) investigado(a), o quanto ambos são afetados, desconstruindo o paradigma da ciência tradicional de que o cientista não pode ser afetado pelos objetos de estudo. Nesse ponto, ela pontua um dos princípios para o *pesquisador e pesquisadora encarnada* a valorização da corporeidade dos(as) sujeitos(as) e pesquisadores(as) cujos marcadores sociais (gênero, raça, classe, colonialidade, sexualidade) são considerados. Nesse sentido, pontua ainda, que a pesquisa do *pesquisador e pesquisadora encarnada* tem de ser situada a partir do lugar de um corpo, pois a nossa perspectiva também é corporal, então não pode separar linguagem e experiência,

[...] e nós, subalternizados, sempre tivemos corpos. Os nossos corpos importam, mas no processo de colonização nunca importou, sempre fomos marcados por não estar ou tentar ser incluído, então esse lugar para mim significa dizer: olha eu sou subalternizada e não subalterno porque o outro que me coloca no lugar da subalternidade, negando, não a minha existência corporal, porque minha existência corporal é importante, é justamente por conta dela porque eu sou excluída, porque sou racionalizada, porque eu tenho gênero, porque eu tenho uma marca, poderíamos pensar em todas as marcas: a marca de

¹⁰ MESSEDER, Suely Aldir (2020). Registro de fala oral nos “Seminários de Pesquisa em Crítica Cultural VII: Teorias e Métodos”, ocorrida no dia 27 de agosto de 2020, promovido pelo Programa de Pós-Graduação em Crítica Cultural do Departamento de Linguística, Literatura e Artes da UNEB, Campus II, Alagoinhas-BA. Disponível em: https://drive.google.com/file/d/1gadSrs32Mi4ZHJ-U7xJ_mMqBxORiJ5rn/view?usp=sharing.

gênero, a marca da prática sexual, de ser gordo, a marca de ser imigrante (MESSEDER, 2020, informação verbal)¹¹.

No diálogo já citado, a mulher entrevistada sinaliza que se você está se propondo a estudar a loucura é preciso ter consciência de si e do amparo do grupo de pesquisa. Nem todo mundo que se propõe a estudar a loucura chega até o fim, sem que haja um apoio sistêmico. Portanto, para Suely, o trabalho do pesquisador e pesquisadora encarnada não é um trabalho solitário, é coletivo, partilhado. O processo solitário pode ocorrer no momento da sua criação, produção e da escolha do tema. Nesse ponto, Suely trata de algumas questões bem pertinentes no que se refere ao processo de escolha do tema da pesquisa.

Se a ciência tradicional, meio que dizia, que era necessário afastar as emoções da pesquisa porque afetam e prejudicam o andamento da racionalidade, Suely sinaliza que, na pesquisa encarnada não faz essa disjunção, não separa razão e emoção, ambas estão imbrincadas. Essa foi uma invenção do ocidente, necessária inclusive para se firmar enquanto ciência, mas enquanto subalternizados e subalternizadas, precisamos nos apropriar das nossas dores, nossas marcas, *é o nosso próprio fazer ciência*. Para Suely, não devemos apenas ficar reproduzindo o jeito de fazer ciência da Europa, do Norte Americano, como *pesquisador e pesquisadora encarnada*, precisamos sim, ter consciência de que a *gente pode até repetir*, mas a gente vai se apropriar e desenvolver o nosso próprio jeito de fazer ciência¹².

De acordo com Suely Messeder, o jeito próprio de fazer ciência do pesquisador e pesquisadora encarnada precisa estar imbuído dos três sentimentos, apontados por Achille Mbembe¹³,

¹¹ Idem.

¹² Idem a nota de rodapé n. 10.

¹³ Achille Mbembe: "A era do humanismo está terminando". Disponível em: <https://dialogosdosul.operamundi.uol.com.br/mundo/52304/achille-mbembe-a-era-do-humanismo-esta-terminando>. Acesso em: 20 fev. 2020.

que está sendo colocado como algo sem valor, como piegas nesse neoliberalismo: cuidado, compaixão e generosidade. Diferentemente da perspectiva neoliberal, cuja democracia está sendo engolida dia a dia, enquanto pesquisadores subalternizados e subalternizadas, “*é preciso elaborar uma ética para cima da moral e para cima do que a produção científica nos pede*”¹⁴. Esse seria um ato de insurgência. Como diria Caetano Veloso e Gilberto Gil na letra da canção “Divino Maravilhoso” de 1968, “*É preciso estar atento e forte/Não temos tempo de temer a morte*”. Mais do que nunca, precisamos estar atentos e fortes contra às novas ditaduras, contra a queda da democracia que está se esvaindo dentro do capital e do neoliberalismo, contra as diversas formas de racismo, sexismo, rivalidades étnicas e religiosas, ultranacionalismo, xenofobias, homofobias e outras formas de preconceitos.

Além desses três sentimentos apontados por Mbembe, cuidado, compaixão e generosidade, Suely aponta que na produção do conhecimento científico encarnado, o *pesquisador e pesquisadora encarnada* precisa desenvolver os três atos cognitivos, apresentados no texto do antropólogo Roberto Cardoso de Oliveira: *olhar, ouvir e escrever*, a esses três atos, a autora acrescentou em seu último texto, o termo encarnado. Para Suely, o *olhar encarnado* se faz presente quando a gente aprende a olhar de forma interdisciplinar, multidisciplinar, transdisciplinar. Quando a gente olha pelo olhar dos subalternizados e não pelo olhar do norte e eurocêntrico. Quando a gente se preocupar em olhar a produção local, dos nossos colegas e cita-os nas nossas produções científicas, por que não? Ela afirma:

Esse é o ato cognitivo do olhar encarnado, o olhar conduzido é bem isso, vamos olhar o que nossos colegas e professores estão falando e possamos citar os nossos, pensar a produção local, de

¹⁴ Idem a nota de rodapé n. 10.

quem está produzindo sobre o nosso tema, como o tema anda no nosso local, fora. Não precisamos ser repetidores de conhecimento, podemos ser produtores de conhecimento (MESSEDER, 2020, informação verbal)¹⁵.

O segundo ato cognitivo, é a escuta encarnada. Para Suely, o pesquisador e pesquisadora encarnada, precisa estar atento ao outro(a), a quem está falando conosco e toda corporeidade envolvida nesse processo, ela aponta que:

A escuta nunca é horizontal, a escuta encarnada faz você vê mesmo pela linha horizontal, porque vê todos os marcadores de quem está falando. Na escuta para o pesquisador encarnado você pensa em quem é esse que está falando? Eu penso a escuta tanto da nossa produção de quem está nos lendo e no trabalho de campo quando a gente está fazendo pesquisa, o quanto seu corpo interfere sobre isso, porque você tem um corpo, não adianta você querer desencarná-lo em apenas um horizonte semântico. Você tem um corpo e ele vai junto com todas as suas experiências. Quem está falando? A minha escuta merece essa atenção mesmo? Muitas vezes as pessoas só nos escutam quando dito por outras pessoas, brancas, masculinos, europeus etc (MESSEDER, 2020, informação verbal)¹⁶.

O último ato cognitivo é a escrita encarnada. Para Suely é um momento muito importante e de muito compromisso entre o(a) sujeito(a) e o pesquisador e pesquisadora encarnada cuja presença da corporeidade e dos marcadores sociais precisam estar presentes nessa escrita encarnada. Necessita também sair dos guetos acadêmicos e fazer chegar essa escrita aos públicos subalternizados e subalternizadas. Por que escrever apenas para a academia, para seus pares? O pesquisador e pesquisadora encarnada precisa pensar e refletir sobre essas questões no momento da escrita. Nas palavras dela:

¹⁵ Idem a nota de rodapé n. 10.

¹⁶ Idem a nota de rodapé n. 10.

É um escrever que é preciso ter muito compromisso, justiça, confiança. A confiança precisa ser trabalhada enquanto princípio desse pesquisador e pesquisadora encarnada, porque quando você escancara o seu tema através de você, através de suas marcas, você precisa saber também o que vai publicar para que não se exponha tanto, os vômitos são importantes para você, mas na feitura da sua escrita precisa ter cuidado com o que você se expõe e o grupo também te alerta sobre suas ciladas, pode ter muitas ciladas. A gente nunca pode ser leviano na escrita, com o que a gente está fazendo, a gente está produzindo, com nossos interlocutores e interlocutoras (MESSEDER, 2020, informação verbal)¹⁷.

Suely finaliza destacando que o olhar, a escuta e a escrita encarnada precisa estar a serviço dos povos subalternizados, é um bem público, e que essa produção de conhecimento científico necessita de uma gestão e difusão que faça chegar àqueles que não tem acesso, mediando os saberes locais com os saberes científicos, esse é um desafio do pesquisador e pesquisadora encarnada.

E nesse sentido, afirma que o pesquisador e pesquisadora encarnada precisa estar atento, sobretudo, ao compromisso que se tem com essa narrativa científica, se quer fazer dela esse processo de neutralidade, de negação do sujeito, como foi a ciência tradicional, ou se a quer transformadora e questiona: “o que a gente quer desse discurso científico?”. Aliás, compromisso é um termo muito utilizado por Suely, uma forte influência de Mãe Stella de Oxossi que aborda a necessidade do compromisso, das conexões com as narrativas que coexistem e as alianças com a ancestralidade, com o local e as subalternidades. Ela afirma que quando a gente trabalha, no sentido da ciência, a gente não joga fora nosso processo subjetivo, como no início se pensava. Essa é a ideia da ciência desencarnada: devolver a própria humanidade na ciência.

¹⁷ Idem a nota de rodapé n. 10.

Dentre tantos tópicos e conteúdos explorados nesse seminário, me detive nos que me prenderam com maior potência e deixei por último o conceito que ela percorreu ao longo de toda a aula, a geopolítica do conhecimento. A questão da geopolítica do conhecimento tem a ver com a valorização dos saberes locais, não apenas dos saberes eurocêntricos ou os saberes do norte, historicamente esses são os saberes valorizados e prestigiados, fora desse campo é considerado um saber menor. Com raras exceções, a exemplo do grande educador Paulo Freire, citado mundialmente, poucos são os saberes produzidos pelos povos subalternizados que são citados. Ela incita todos nós a fazer uma varredura nos bancos de tese das universidades locais, ler as pesquisas já produzidas sobre a nossa temática e fazer citações dos nossos pares, isso é insurgente. Vai de encontro ao que está posto. No seu artigo, publicado no livro “Pensamento feminista hoje: perspectivas decoloniais”, organizado por Heloisa Buarque de Hollanda (2020), ela cita dois exemplos ocorridos com ela, que são absurdos:

Em 2011, na segunda edição do evento, aproximou-se de mim um estudante de mestrado da cidade do Rio de Janeiro, contumaz frequentador desses encontros, e declarou que havia lido meu livro “de cabo a rabo”, mas que, infelizmente, não o colocara em sua referência bibliográfica, porque sua orientadora comentara que a autora não teria autoridade acadêmica. No segundo episódio, ocorrido nesse mesmo espaço, uma pesquisadora paulista comentou que deveríamos repassar as “experiências” de trabalho de campo para ela e para outro pesquisador, uma vez que eles “poderiam” teorizar sobre tais experiências (MESSEDER, 2020, p. 164).

Indignação é pouco para descrever os sentimentos envolvidos nos relatos acima, porém, o mais importante é a provocação que se instalou dentro de mim no que se refere a valorização da produção dos subalternizados e subalternizadas, de fato, até o presente momento, nunca tinha pensado nessa ótica da geopolítica do conhecimento e a Profa. Dra. Suely Messeder

promoveu uma rebelião de dentro de mim. Pensamentos insubmissos fazem vigília e buscam encontrar rotas de fuga.

O ENCONTRO DO MEU PROJETO DE PESQUISA COM A CRÍTICA CULTURAL: UM OLHAR EM DESCONSTRUÇÃO

O desafio de estudar a temática da alfabetização já se esboçava nos meus estudos e trabalhos de professora-pesquisadora desde 1995 quando, ainda na faculdade de graduação em Pedagogia, aprendi, lendo Paulo Freire, sobre alfabetização, conscientização, compromisso social e unidade prática-teoria (FREIRE, 1982). Nessa época, lecionava como professora efetiva de uma escola pública municipal localizada em um bairro periférico e solicitei a gestora que me colocasse numa turma de alfabetização da Educação de Jovens e Adultos (EJA), pois almejava testar o “Método Paulo Freire” e ver se essa prática pedagógica de alfabetizar através de “Temas Geradores” e “Círculos de Cultura” dava certo mesmo, e deu. Era maravilhoso ver a expressão de alegria de cada jovem e adulto, quando começava a ler não só as palavras dos temas geradores e que partiam deles, mas também a “ler o mundo” (FREIRE, 1987).

Nesse percurso, ao longo da jornada de mais de duas décadas, além de docente, atuei em funções estratégicas de gestão nas secretarias municipais de educação da região, experiências que mudaram o rumo do meu itinerário profissional, que nunca mais foi abandonado. Daí surgiu o interesse pelas políticas públicas e pela gestão educacional. Pude colaborar na criação e implementação de diversos programas e projetos relacionados à alfabetização, resultando no interesse em fazer dessa temática minha pesquisa do mestrado, quando investiguei a política de alfabetização de Juazeiro (BA), fazendo um comparativo com duas políticas de alfabetização no Brasil: a do Estado do Ceará e a de Minas Gerais. Esse momento culminou, também, com minha efetivação na Universidade Federal do Vale

do São Francisco (UNIVASF), reafirmando meu compromisso não só com a gestão da educação pública, mas, também, com a pesquisa na área da alfabetização.

Após um período de colaboração na gestão pública do município de Juazeiro (BA), num acordo de Cooperação Técnica entre a Univasf e Prefeitura, seguido do convite para assumir a gestão da pasta da Secretaria Municipal de Educação de Petrolina-Pe (cidade vizinha), em 2017, resolvi aprofundar minha pesquisa acadêmica através do Doutorado. De nada adiantaria colaborar com as secretarias municipais da região, se não pudesse tornar essas vivências objeto de investigação científica, buscando explicações para problemas tão recorrentes na educação pública, dentre elas, a política de alfabetização. Nesse sentido, alicerçado por esse pensamento, optei por afastar-me da gestão e retornar à docência na UNIVASF.

Nesse íterim, esbocei o projeto de pesquisa, na Linha de Pesquisa 2, Letramento, Identidades e Formação de Educadores do Programa de Pós-Graduação *stricto sensu* em Crítica Cultural (Pós-Crítica) em função da aderência do problema com os estudos e pesquisas dos pesquisadores relacionados à alfabetização e letramentos. A sólida vocação interdisciplinar da Área de Linguística e Literatura abre espaço para a investigação sobre a língua em outras áreas do conhecimento, dentre elas a Pedagogia, considerando que uma das demandas do professor dos anos iniciais do Ensino Fundamental é o ensino-aprendizagem da língua escrita (Documento de Área 41, 2019)¹⁸. Ao perceber a interdisciplinaridade presente na área de linguística e literatura, perpassando todos os demais saberes, me motivei a investir na seleção, já tinha algumas leituras no campo do letramento e

¹⁸ Documento de Área 41: Linguística e Literatura. Disponível em: <https://portal.uneb.br/poscritica/wp-content/uploads/sites/113/2019/09/1-Linguistica-e-Literatura.pdf>. Acesso em: 20 fev. 2020.

alfabetização, dentre eles Paulo Freire, Kleiman, Magda Soares, Harvey Graff, Arthur Gomes de Moraes, dentre outros, mas faltava-me o aprofundamento dos estudos da Crítica Cultural.

Comecei lendo o livro “Primeiros passos de um crítico cultural” (SANTOS, 2015), a princípio achando que encontraria ali uma espécie de “manual” de como ser um crítico cultural. Adquiri o livro e quando ele chegou, para minha surpresa, não era bem o que eu pensava e entrei em pânico. Precisava me aprofundar nessa temática e entender a essência do que é ser um crítico cultural. Resolvi ler o livro, mesmo assim, e aos poucos, fui conhecendo o caminhar desse professor, Osmar Moreira, que ainda não conhecia pessoalmente, apreendendo o seu percurso na crítica cultural, desde a graduação. Confesso que não foi uma leitura fácil para mim, pois requeria alguns conhecimentos da área da linguística e da literatura os quais eu não tinha, mas isso não foi motivo para desistir. Foi assim que dei os meus *primeiros passos na crítica cultural*, parafraseando Moreira.

Depois partir para a leitura de um artigo que me auxiliou a entender o movimento dos estudos da crítica cultural em maior amplitude, internacionalmente, foi o artigo do professor Roberto Henrique Seidel, intitulado “Crítica cultural, crítica social e debate acadêmico-intelectual”. Este artigo foi fundamental para mim, enquanto iniciante, pois tive uma noção da história dos estudos da crítica cultural ao longos dos tempos, passando pela primeira, segunda e terceira geração e principalmente por conhecer a visão da crítica cultural sob o ponto de vista da esquerda brasileira, o olhar de Marilena Chauí, ou seja, Seidel, além de apresentar uma visão macro histórica dos teóricos do norte, apresentou também o ponto de vista das subalternidades, a visão local de uma pesquisadora, escritora e filósofa brasileira. O artigo de Seidel, além de me ajudar nessa visão macro histórica da crítica cultural, reforçou sua característica interdisciplinar e insurgente. Ele afirma que a perspectiva crítica cultural se insere

[...] na medida em que ela localiza a possibilidade da crítica também fora da tradição acadêmica, colocando, como pressupostos gerais, não disciplinas ou ramos disciplinares, mas “intercalações de planos — do estético, do cultural e do político (RICHARD, 2002 *apud* SEIDEL, 2016, p. 28).

Após a leitura do artigo de Seidel, percebi que tinha uma trajetória muito longa a percorrer, e aos poucos, fui lendo alguns textos dos autores de referência obrigatória para a seleção do Doutorado com ênfase inicial entre Roland Barthes, no ensaio “Aula”, Angela Kleiman no artigo “Letramento e formação do professor: quais as práticas e exigências no local de trabalho” e Byung-Chul Han, no texto “Sociedade do cansaço”. Depois adentrei no mundo de Ailton Krenak, em “Ideias para adiar o fim do mundo”, nas narrativas de Delory-Momberger em seu livro “Biografia e educação” e no trabalho Judith Kalman em seu artigo “Saber lo que es la letra: una xperiencia de lectoescritura com mujeres de Mixquic”. Não consegui dar conta de ler todas as referências por conta do tempo mesmo: ler, escrever o projeto, desenvolver suas atividades cotidianas e trabalhar, mas para minha grata surpresa e alegria, fui selecionada. Pronto, tinha dado o pontapé inicial, agora, precisava me aprofundar.

Já estava encantada com as leituras preliminares que tinha feito para a seleção e no primeiro ano do doutorado em Crítica Cultural (Pós-Crítica) se instaurou em mim um levante, remexendo, bulindo em conceitos e paradigmas presentes na minha formação em Ciências Humanas que estavam em repouso. A leitura de Mil Platôs (DELEUZE; GUATTARRI, 2011) onde conheci o rizoma com suas múltiplas formas, desde suas hastes subterrâneas e suas ramificações até a concretude em tubérculos e bulbos, foi e está sendo, um dos principais valores em construção na minha formação em crítica cultural.

Esse processo de desconstrução, construção, reinvenção de si, de produção de uma narrativa insurgente e insubmissa, está em fase de transmutação, poderia dizer que estou me

metamorfoseando. Muita coisa há ainda para ser quebrada, muitos paradigmas, muitos mitos. Mas tem sido um trabalho ardiloso e processual, nisso, o meu projeto de pesquisa também está em fase de desmonte. Após outras tantas leituras finalizadas e outras em andamento dentre elas Saussure, Jean-Louis Calvet, Jean-Claude Forquin, Achille Mbembe, Agambem, Conceição Evaristo, Jailma Moreira, Aurea da Silva Pereira, Danise Grangeiro, Vera Brandão, Wander Melo, Viveiros de Castro e agora Suely Messeder, posso afirmar, que é como se meu pensamento, ainda arborescente, estivesse começando a se tornar “*rizomorfo*” e, com a perspectiva *rizomática* em tramitação, deu-se início a um processo de ruptura, um devir, que me inquieta e transforma.

ENTRE O INÍCIO E O FIM: ALGUMAS PALAVRAS

Este ensaio teve como objetivo, apresentar, em linhas gerais, o desenvolvimento da pesquisa e produção de conhecimento da Profa. Dra. Suely Aldir Messeder, a pesquisadoras que eu escolhi, dentre os pesquisadores(as) credenciados (as) ao Programa de Pós-Graduação em Crítica Cultural da UNEB, *Campus II*, Alagoinhas (BA) que participaram dos Seminários de Pesquisa em Crítica Cultural: Teorias e Métodos, bem como, apresentar um breve histórico do meu encontro e escolha do atual projeto de pesquisa para o doutorado, descrevendo as estratégias de sua inserção no programa de Crítica Cultural, situado no campo linguístico-literário.

O meu encontro com o pesquisador e a pesquisadora encarnada, apresentada pela Profa. Dra. Suely Messeder no seminário, foi a motivação para adentrar na temática da pesquisa encarnada. Muito do que aprendi está se remexendo e fazendo rebuliços internos que, com certeza, irão resultar na desconstrução e construção do meu projeto inicial, assim como desta pesquisadora. As palavras encarnadas de Suely me afetaram

e afetou a forma de perceber os sujeitos e sujeitas da minha pesquisa sobre alfabetização e letramento, na cidade de Juazeiro (BA).

Estou namorando meu tema e nesse namoro, começo a identificar as lacunas, antes não tão perceptíveis. Mas, para além delas, vejo a potência que tem nele. Nessa busca, preciso aprender a olhar, escutar e escrever de forma encarnada, tal como propõe Suely, a fim de quebrar os mitos e tabus, desvelando aquilo que não está posto, que não está tão evidente, as periferias, as subalternidades, a arbitrariedade do signo.

Os estudos da crítica cultura com seus rizomas, espirais, liberdade, fluidez, heterogeneidade, alianças, conexões, narrativas, entremeios, que não se deixam arborizar, têm repercutido um desmonte do meu projeto de pesquisa, enunciando tópicos a serem revistos, reexaminados, desconstruídos, produzindo um novo mapa da alfabetização, que possa ser construído, desmontado, modificado, sob o viés e o olhar dos atores sociais das escolas alfabetizadoras, dos sujeitos e das sujeitas envolvidos.

Ao final desse texto, fica evidente para mim, o meu compromisso com o desenvolvimento da pesquisa científica e essa escrita encarnada, com a geopolítica do conhecimento, sobretudo, com a valorização da escrita e dos saberes subalternizados dos saberes locais e da identificação da corporeidade presente com seus marcadores sociais. Se a gente não produzir e não escrever, eles escreverão por nós.

REFERÊNCIAS

BARTHES, Roland. *Aula: aula inaugural da cadeira de semiologia literária do Colégio de França, pronunciada em 7 de janeiro de 1977*. São Paulo: Cultrix, 2007.

BRANDÃO, Vera Maria Antonieta Tordino. *Labirintos da memória: quem sou?* São Paulo: Portal Edições: Envelhecimento, 2016.

CALVET, Louis-Jean. *Tradição Oral & Tradição Escrita*. São Paulo, SP: Parábola Editorial, 2011 (Tradução: Waldemar Ferreira Neto, Maressa de Freitas Vieira).

DELEUZE, Gilles; GUATTARRI, Félix. *Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia*, 2. São Paulo: Editora 34, 2011.

DELORY-MOMBERGER, Christine. *Biografia e educação: figuras do indivíduo-projeto*. Natal, R.N: EDUFRRN; São Paulo: Paulus, 2008.

Documento de Área 41: *Linguística e Literatura*. Disponível em: <https://portal.uneb.br/poscritica/wp-content/uploads/sites/113/2019/09/1-Linguistica-e-Literatura.pdf>. Acesso em: 20 fev. 2020.

EVARISTO, Conceição. A escrevivência e seus subtextos"; "Da grafia-desenho de minha mãe, um dos lugares de nascimento de minha escrita". In: *Escrevivência: a escrita de nós: reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo* / organização Constância Lima Duarte, Isabella Rosado Nunes ; ilustrações Goya Lopes. - 1. ed. - Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020.

FIORIN, José Luiz. O projeto semiológico. In: FIORIN, José Luiz; FLORES, Valdir do Nascimento; BARBISAN, Leci Borges (Org.). *Saussure: a invenção da linguística*. 1. ed. São Paulo: Contexto, 2019.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do Oprimido*. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

GRAFF, Harvey J. *Os labirintos da alfabetização: reflexões sobre o passado e o presente da alfabetização*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994 (Trad. Tirza Myga Garcia).

GRANGEIRO, Danise. El cuaderno de bitácoras: los dos niveles de discursos-el diálogo entre tú y yo. *Pontos de Interrogação*, v. 9, n. 1, jan-jun., p. 135-156, 2019.

HAN, Byung-Chul. *Sociedade do cansaço*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.

KALMAN, Judith. *Saber lo que es la letra: una xperiencia de lectoescritura com mujeres de Mixquic*. Instituto de la Educación de la UNESCO, 2004.

KLEIMAN, Ângela B. (Org.) *Os significados do letramento: uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita*. Campinas, SP: Mercado de Letras, 1995.

KRENAK, Ailton. *Ideias para adiar o fim do mundo*. São Paulo: Cia das Letras, 2020.

MORAIS, Artur Gomes de; LEAL, Telma Ferraz; PESSOA, Ana Cláudia R.Gonçalves; NASCIMENTO, Julliane Campelo do. Habilidades de compreensão leitora: seu ensino e sua avaliação pela Provinha Brasil. *Revista Brasileira de Educação*, v. 22, p. 187-211, 2017.

MBEMBE, Achille. "A era do humanismo está terminando". Disponível em: <https://dialogosdosul.operamundi.uol.com.br/mundo/52304/achille-mbembe-a-era-do-humanismo-esta-terminando>. Acesso em: 20 fev. 2020.

MBEMBE, Achille. *Necropolítica*. São Paulo: N-1 Edições, 2018. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/ae/article/view/8993/7169>. Acesso em: 20 fev. 2020.

MESSÉDER, Suely Aldir (2020). Registro de fala oral nos *Seminários de Pesquisa em Crítica Cultural VII: Teorias e Métodos*, ocorrida no dia 27 de agosto de 2020, promovido pelo Programa de Pós-Graduação em Crítica Cultural do Departamento de Linguística, Literatura e Artes da UNEB, *Campus II*, Alagoinhas (BA). Disponível em: https://drive.google.com/file/d/1gadSrs32Mi4ZHJ-U7xJ_mMqBxORiJ5rn/view?usp=sharing.

MESSÉDER, Suely Aldir. A pesquisadora encarnada: uma trajetória decolonial na construção do saber científico blasfêmico. In: VAREJÃO, Adriana (et al.). *Pensamento feminista hoje: perspectivas decoloniais* /Org. Heloisa Buarque de Hollanda. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2020.

MIRANDA, Wander Melo (2020). Registro de fala oral nos *Seminários de Pesquisa em Crítica Cultural I e II: Teorias e Métodos*, ocorrida nos dias 16 e 23 de julho de 2020, promovido pelo Programa de Pós-Graduação em Crítica Cultural do Departamento de Linguística, Literatura e Artes da UNEB, *Campus II*, Alagoinhas (BA). Disponível em: https://drive.google.com/file/d/1QwXDwul45j2fxs6yI_jCFUcNT1qPLL95/view?usp=sharing.

MOREIRA, Jailma dos Santos Pedreira. Narrativas de Rachel de Queiroz: modos de (re)contar, modos de (re)inventar-se. In: *Diadorim: Revista de estudos Linguísticos e Literários*. v. 7. Rio de Janeiro: UFRJ, Programa de Pós-graduação em Letras vernáculas, 2010.

PEREIRA, Aurea da Silva. As cartas como dispositivo biográfico: saberes e aprendizagens de si. In: SOUZA, Elizeu Clementino; DEMARTINE, Zeila de B. F.; GONÇALVES, Marlene(Org.). *Gênero, diversidade e resistência: escritas de si e experiências de empoderamento*. 1. ed. Curitiba, PR:CRV, 2016. p. 103-119.

SANTOS, Osmar Moreira dos. *Primeiros passos de um crítico cultural*. Salvador: EDUNEB, 2015.

SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de linguística geral*. São Paulo: Cultrix, 2006.

SEIDEL, Roberto Henrique. Crítica cultural, crítica social e debate acadêmico-intelectual. In: *Crítica cultural, crítica social e debate acadêmico-intelectual*. Salvador: EdUNEB, 2016, p. 15-46. Série Crítica cultural, v. 5.

SOARES, Magda. *Letramento e alfabetização: as muitas facetas*. Trabalho apresentado no GT Alfabetização, Leitura e Escrita, durante a 26ª. Reunião da ANPEd, de 5 a 8 de out. de 2003.

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. *Perspectivismo e multinaturalismo na América indígena*. O que nos faz pensar. n. 18, setembro de 2004.